

MOGNO BRASILEIRO SUPERA O MOGNO AFRICANO POR SE TRATAR DE UMA SEMENTE MAIS BARATA E TENDO COMO COMBATER AS PRAGAS JÁ FOI CONSTATATO PRAGAS TABEM NO MOGNO AFRICANO.

Inseticida para salvar o mogno

Edição Impressa 74 - Abril 2002

A grande procura pela madeira de mogno (*Swietenia macrophylla*), a exploração predatória e o conseqüente risco de extinção levaram ao reflorestamento da planta na região amazônica. O problema é que a lagarta *Hypsypyla grandella*, conhecida como broca-do-mogno, ataca a árvore, impedindo seu desenvolvimento, especialmente no reflorestamento, onde a densidade é muito maior que na floresta. Uma equipe da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP), liderada pelo pesquisador Orlando Shigueo Ohashi, achou uma solução conjugada para a questão.

Com a colaboração da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e do Departamento de Química da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e o apoio financeiro do Banco da Amazônia e da SECTAM/Funtec, Ohashi cultiva o mogno ao lado do cedro-australiano ou cedro vermelho (*Toona ciliata*), cuja planta atrai para si cerca de 80% das posturas feitas pelas mariposas da broca-do-mogno. Quando os ovos eclodem, as lagartas se alimentam das folhas do cedro-australiano, mas morrem por causa de algumas substâncias tóxicas da planta.

Ocorre que 20% das posturas são feitas no próprio mogno. Para combatê-las, Ohashi criou uma cola à base de polibuteno misturada a um inseticida químico do grupo dos piretróides, muito usado no

Brasil. "Colocamos dois pingos da Colacid somente na brotação nova das plantas de mogno em crescimento", diz o pesquisador. O produto mostrou-se eficaz no controle da praga sem ser tóxico para a planta. Mais uma vantagem: o custo é muito baixo. O tratamento em um hectare com 100 plantas de mogno sai, em média, R\$ 24,00 por ano (Colacid e mão-de-obra).

